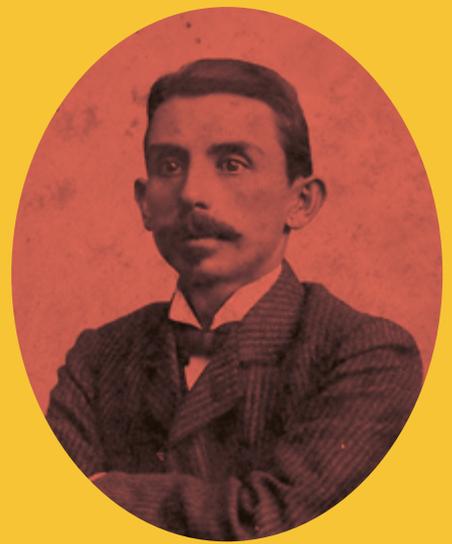
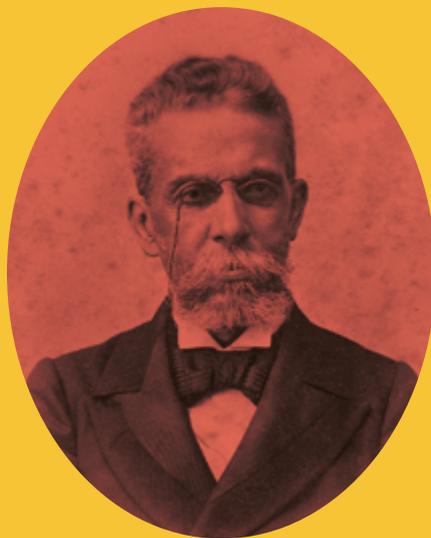
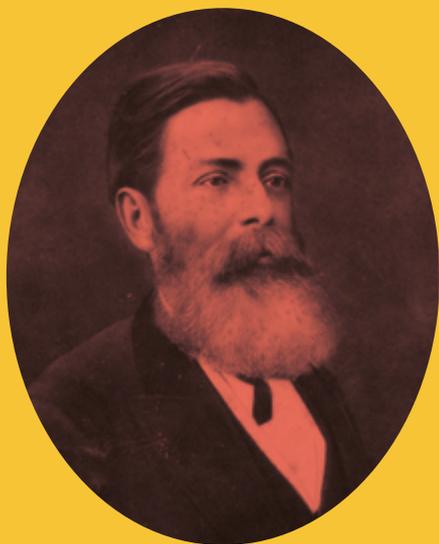


ALENCAR, MACHADO E EUCLIDES:

PATRIMÔNIOS DA CULTURA BRASILEIRA



Centro Cultural
Secretaria de Comunicação Social



ALENCAR, MACHADO E EUCLIDES:

PATRIMÔNIOS DA CULTURA BRASILEIRA



Brasília, junho de 2019.



A GRANDEZA DE **ALENCAR, MACHADO E EUCLIDES**

Em 2019, completam-se **190 anos do nascimento de José de Alencar, 180 anos do nascimento de Machado de Assis e 110 anos da morte de Euclides da Cunha**, três registros importantes no calendário da literatura brasileira. A Câmara dos Deputados, com a exposição que os homenageia, expressa o reconhecimento devido a três escritores que honram o Brasil e engrandecem a língua portuguesa, pela obra que os imortaliza e que continua a merecer a atenção dos historiadores, o aplauso da crítica e o respeito do público.

Nascido em 1829, José de Alencar foi, além de talentoso romancista, um dos mais relevantes políticos do seu tempo, nome que ilustrou e enobreceu a Câmara dos Deputados, pois aqui exerceu quatro mandatos, entre 1861 e 1877, pela Província do Ceará. Não sem razão, escolheu-o Machado de Assis para patrono da cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras, décadas depois ocupada por Jorge Amado, que disse: *“Sem José de Alencar, não haveria o romance brasileiro”*.

Romancista, contista, cronista, poeta, dramaturgo, tradutor, Machado de Assis, nascido em 1839, é autor de obras-primas da literatura brasileira, a exemplo de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*. Na crônica política, escreveu páginas brilhantes sobre o nosso Parlamento, como *“O Velho Senado”*. Pela vida que viveu e pela criação literária que o singulariza, tornou-se, merecidamente, a figura maior das letras nacionais.

Euclides da Cunha, tragicamente morto em 1909, aos 43 anos de idade, consagrou-se com *Os sertões*, cujas partes – *“A terra”, “O homem”, “A luta”* – formam um dos mais abrangentes e ricos painéis jamais compostos sobre a realidade brasileira. Corresponsável de guerra na campanha de Canudos, o vigoroso testemunho do jornalista é obra capaz de fazer, sozinha, a grandeza de qualquer literatura.

Nomes que dignificam nosso patrimônio cultural, os escritores que homenageamos continuam vivos na história do Brasil e no sentimento do povo brasileiro. Como disse Machado de Assis, *“essa a glória que fica, eleva, honra e consola”*.

Edmilson Caminha, professor e escritor





JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

NASCIMENTO

Messejana, distrito de Fortaleza (CE), em 1º de maio de **1829**

MORTE

Rio de Janeiro (RJ), em 12 de dezembro de 1877

PROFISSÕES

Advogado, jornalista, político, romancista e teatrólogo

ALGUMAS OBRAS

Cartas sobre a Confederação dos Tamoios (1856)
O Guarani (1857)
Cinco minutos (1857)
A viuvinha (1860)
Lucíola (1862)
Diva (1864)
Iracema (1865)
As minas de prata (1865)
O gaúcho (1870)
A pata da gazela (1870)
O tronco do ipê (1871)
Como e por que sou romancista (1873)
Ubirajara (1874)
O sertanejo (1875)
Senhora (1875)

POSIÇÃO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)

Patrono da cadeira nº 23, por escolha do primeiro ocupante, seu fraterno amigo e admirador Machado de Assis



JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS

Rio de Janeiro (RJ), em 21 de junho de **1839**

Rio de Janeiro (RJ), em 29 de setembro de 1908

Jornalista, funcionário público, contista, cronista, romancista, crítico literário, poeta e teatrólogo

Crisálidas (1864)
Contos fluminenses (1870)
Ressurreição (1872)
A mão e a luva (1874)
Helena (1876)
Iaiá Garcia (1878)
Memórias póstumas de Brás Cubas (1881)
Quincas Borba (1891)
Dom Casmurro (1899)
Poesias completas (1901)
Esaú e Jacó (1904)
Memorial de Aires (1908)

Fundador da cadeira nº 23 e primeiro presidente da entidade (de 1897 a 1908) — razão pela qual a ABL também é chamada de “Casa de Machado de Assis”



EUCLIDES RODRIGUES PIMENTA DA CUNHA

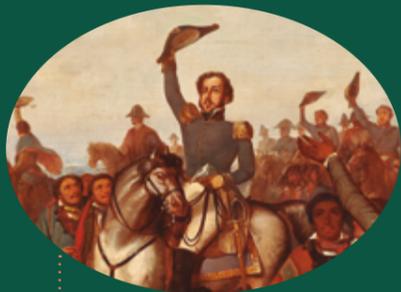
Cantagalo (RJ), em 20 de janeiro de 1866

Rio de Janeiro (RJ), em 15 de agosto de **1909**

Engenheiro militar, jornalista, ensaísta e historiador

Os sertões (1902)
Relatório da Comissão Mista Brasileiro-peruana do Alto Purus (1906)
Castro Alves e seu tempo (1907)
Peru versus Bolívia (1907)
Contrastes e confrontos (1907)
À margem da história (1909)

Segundo ocupante da cadeira nº 7, cujo patrono é Castro Alves. Eleito em 1903, na sucessão do fundador Valentim Magalhães, tomou posse em 1906



D. Pedro I proclama a Independência do Brasil e é aclamado Imperador



❖ D. Pedro I outorga uma Constituição centralizadora
❖ Confederação do Equador

1822

1824



1835 - 1840
PERÍODO REGENCIAL

- Revolta da Cabanagem (Pará) ...
- Revolução Farroupilha (Rio Grande do Sul)
- Revolta dos Malês (Bahia)

★
Nasce
Machado
de Assis



REVOLUÇÃO
PRAIEIRA
(PERNAMBUCO)

★
Nasce
Euclides
da Cunha

1835

1839

1848

1866



Promulgação da
Lei Eusébio de
Queiroz: proíbe o
tráfico negreiro
para o Brasil

1823

1829

1837

1840

1850

1870

É instalada a primeira
**ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE**

★
Nasce
José de
Alencar

❖ — ❖
REVOLTA DA
SABINADA
(BAHIA)
❖ — ❖



**MAIORIDADE
ANTECIPADA DE
D. PEDRO II.**
que sucede o pai como
imperador do Brasil



1865 - 1870
GUERRA DO
PARAGUAI



PROMULGAÇÃO
DA LEI DOS
SEXAGENÁRIOS



PROMULGAÇÃO DA
LEI DO VENTRE
LIVRE

PROCLAMAÇÃO
DA REPÚBLICA:

banimento da Família Imperial
e formação de um governo
provisório chefiado pelo
Marechal Deodoro da Fonseca

❖ REVOLUÇÃO
FEDERALISTA
(RS, SC E PR)

❖ REVOLTA DA
ARMADA (RJ)



➤ Revolta da Vacina (RJ)

➤ Anexação do Acre ao Brasil

†
Morre
Euclides
da Cunha

1871

1885

1889

1893

1903

1809

1896 - 1897
GUERRA DE
CANUDOS

1877

1888

1891

1897

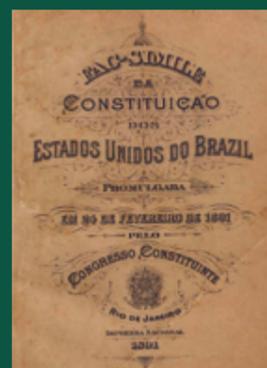
1808

1810

†
Morre
José de
Alencar

Abolição da escravidão
(LEI ÁUREA)

Promulgada a
primeira Constituição
da República

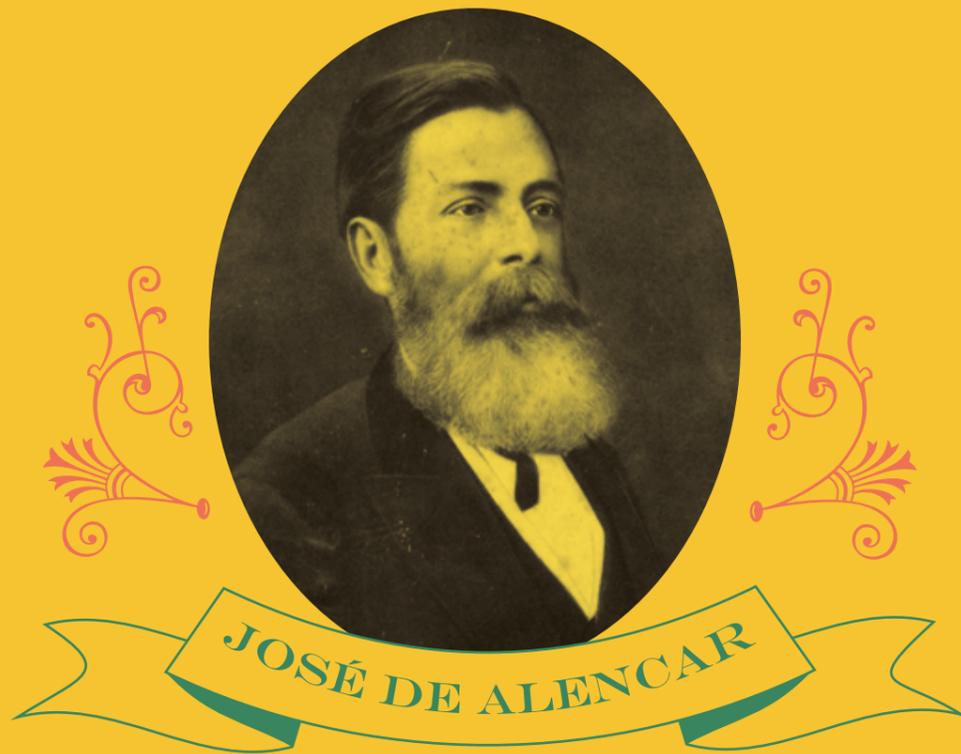


Criação da Academia
Brasileira de Letras
(ABL)



†
Morre
Machado
de Assis

Revolta da Chibata, liderada
pelo marinheiro João Cândido,
contra os castigos corporais na
Marinha de Guerra do Brasil



FAMÍLIA ALENCAR

José Martiniano de Alencar é filho de José Martiniano Pereira de Alencar (pai, jornalista, presidente da província do Ceará e influente senador do Império) com a prima Ana Josefina de Alencar.

Na infância, testemunhou as reuniões conspiratórias, na casa da família, em preparação do Golpe da Maioridade, ocorrido em 1840 (decisão do Parlamento brasileiro de declarar D. Pedro II como imperador do Brasil, a despeito da menoridade do príncipe).

É neto, pelo lado paterno, do comerciante português José Gonçalves dos Santos e de Dona Bárbara de Alencar, mulher que se notabilizou pela heroica liderança política na Revolução Pernambucana de 1817.



Outros representantes da família Alencar que marcaram a história e/ou a cultura brasileira:

Tristão Gonçalves de Alencar Araripe

revolucionário que participou da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824;

Leonel Martiniano de Alencar

o Barão de Alencar, deputado eleito em 1869;

Alexandrino de Alencar

senador durante a República Velha;

Miguel Arraes

governador de Pernambuco e deputado federal por vários mandatos, entre 1963 e 2005;

Humberto de Alencar Castello Branco

militar, presidente do Brasil de 1964 a 1967;

Eduardo Campos

deputado federal de 1995 a 2007 e governador de Pernambuco de 2007 a 2014;

e os escritores **Rachel de Queiroz** (romancista, 1910 - 2003) e **Pedro Nava** (memorialista, 1903 - 1984).



Casa onde nasceu Alencar, em Messejana (CE)

DESTAQUE NOS FOLHETINS

Ainda menino, José de Alencar mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, onde recebeu educação primária e secundária. Kursou Direito em São Paulo e parte da faculdade em Olinda, PE. Formado, José de Alencar começou a advogar no Rio, mas a literatura logo o absorveu.

Primeiro foi cronista do *Correio Mercantil* (assinava a coluna “Ao correr da pena”), depois redator do *Diário do Rio de Janeiro*, para o qual escreveu, sob o pseudônimo de Ig, uma série de artigos críticos sobre “A Confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães. Esse poema fazia parte do livro *Suspiros poéticos e saudades*, considerado o introdutor do romantismo no Brasil, publicado em luxuosa edição patrocinada por D. Pedro II.

No *Diário do Rio de Janeiro* saíram em folhetim os dois primeiros romances de Alencar com ambientação carioca — *Cinco minutos*, em 1856, e *A viuvinha*, em 1857 — e o romance histórico que o faria célebre, *O Guarani* (1857).

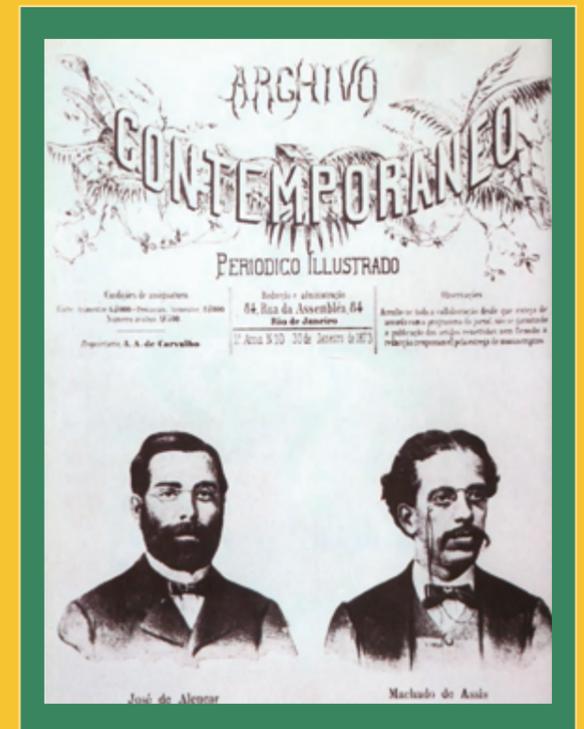
De 1857 a 1860, dedicou-se ao teatro, escrevendo o libreto da ópera bufa *A noite de São João*, as comédias *O crédito*, *Demônio familiar*, *Verso e reverso* e os dramas *As asas de um anjo* e *Mãe*, todas representadas no Teatro Ginásio Dramático do Rio de Janeiro.

PATRONO DA CADEIRA 23 DA ABL

José de Alencar morreu vinte anos antes da fundação da Academia Brasileira de Letras. Por conta da amizade fraterna e da profunda admiração que tinha pelo colega cearense, Machado de Assis escolheu-o para patrono da cadeira número 23, da qual foi o primeiro ocupante.

“Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houvesse tratado assuntos nossos. Há um modo de ver e de sentir, que dá a nota íntima da nacionalidade. [...] O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tirados da vida ambiente e da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais íntima.”

Machado de Assis



PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA

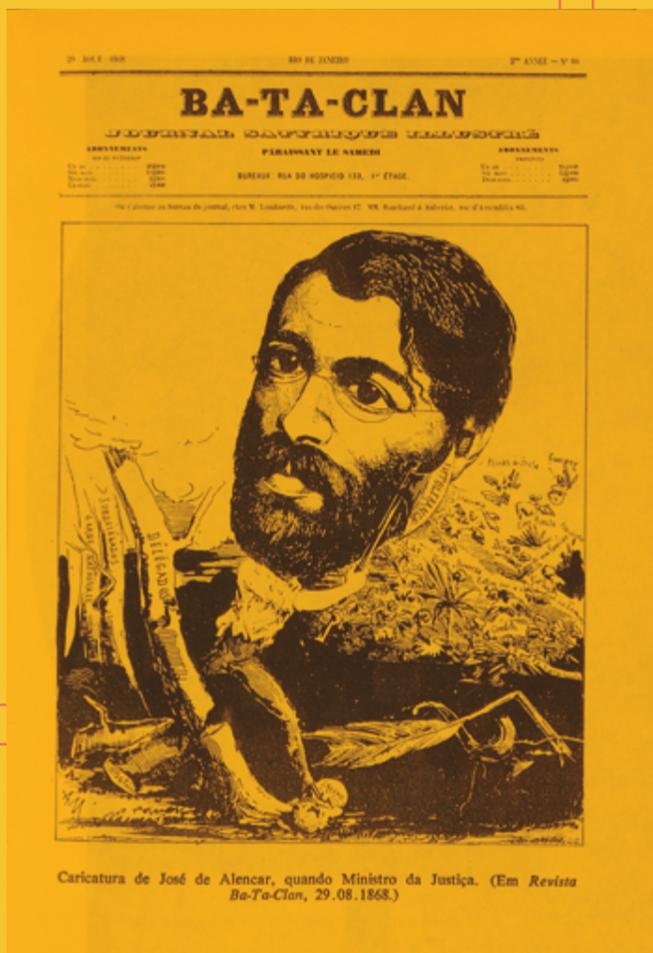
Morto o pai, em 1860, Alencar entrou para a vida política, elegendo-se deputado provincial pelo Ceará e assumindo o Ministério da Justiça, de 1868 a 1870.

Diferentemente do pai, que sempre defendera teses liberais, o romancista assumiu posições mais conservadoras: “Não admito a herança nem das convicções nem dos ódios”.

A aguardada estreia do escritor consagrado na tribuna foi um fiasco. O orador sem brilho é criticado por **Teófilo Ottoni**: “Nem de longe lembra o pai; deve voltar aos seus folhetins e aos seus romances”.

Veio a tornar-se, porém, um argumentador consistente, ocupando-se principalmente do tema da representação política.

Caricatura de Alencar enquanto ministro da Justiça



UM “ESCRAVOCRATA” ABOLICIONISTA

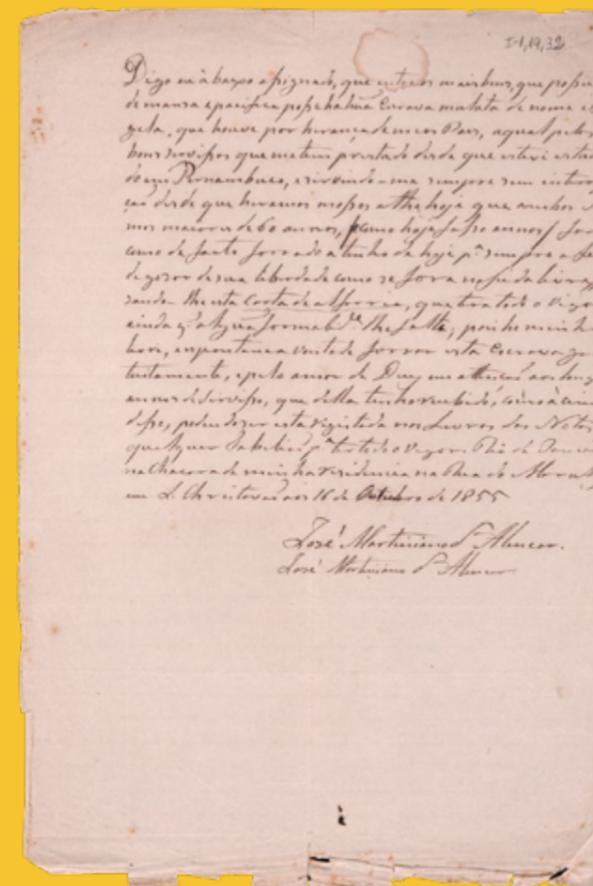
Tachado por muitos de escravagista, na verdade Alencar acreditava que a evolução econômico-social do país deveria suprimir naturalmente a escravidão. “Como titular da Justiça, proibiu a comercialização pública de escravos, impedindo que se separassem filhos e esposos. Nos debates (...) repudiava a escravidão, mas opunha-se à abolição instantânea pela via da lei.” Lúcio Alcântara

Para o parlamentar, abolir a escravidão era muito mais complexo que apenas libertar os cativos.

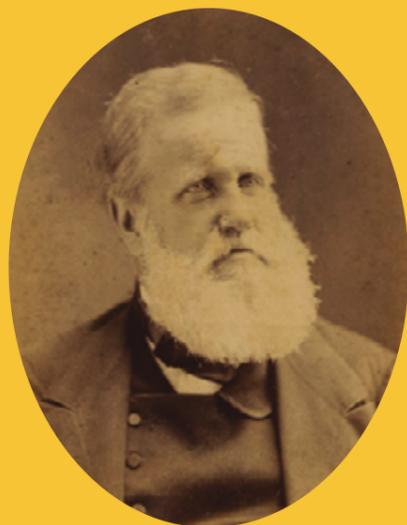
“Nem nos meus discursos e escritos aplaudi a escravidão; manifestei-me sempre de sua extinção espontânea e natural, que devia resultar da revolução de costumes”.

José de Alencar

Seus biógrafos o identificam como pessoa arredia e ressentida, que se queixava da indiferença para com seu talento criativo e elevação intelectual. Seu perfil polemista acarretou-lhe fama e desafeições. Puniam o deputado ao criticar o escritor; atingiam o escritor para ofender o político.



DESAVENÇAS COM D. PEDRO II



A antipatia entre D. Pedro II e Alencar parecia recíproca. Por várias vezes, os dois se confrontaram a propósito de questões literárias com inevitável repercussão no plano político.

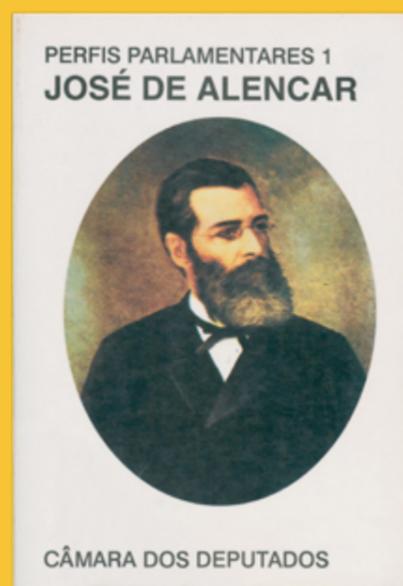
Alencar inspirou-se nos ingleses, talvez em razão do casamento com Georgiana Augusta Cochrane, filha do médico e empresário inglês Thomas Cochrane. *“Sonhava com as instituições políticas britânicas, consolidadas, em perfeito funcionamento, onde o rei não passava de um símbolo de poder e do Estado.”* **Lúcio Alcântara**

Provavelmente o motivo de seu afastamento da política tenha sido o ressentimento de ver-se preterido por D. Pedro II na indicação para o Senado.

HOMENAGEADO PELA CÂMARA

No centenário de morte de José de Alencar (1977), a Câmara dos Deputados publicou o primeiro número da série Perfis Parlamentares, reunindo discursos selecionados do deputado.

Na apresentação da obra, **Rachel de Queiroz** afirma que, em geral, o grande público ignora que o romancista foi também um político de importância (...) *“quando na verdade a política, na existência de Alencar, seria um elemento essencial, desses que vêm na massa do sangue, fator primeiro da sua herança”*.



PATRIARCA DA LITERATURA BRASILEIRA



O lugar central na história da nossa ficção romântica cabe a José de Alencar, pela natureza e extensão da obra que produziu.

O escritor facilitou a tarefa da nacionalização da literatura no Brasil e da consolidação do romance brasileiro, do qual foi o verdadeiro criador. Preocupado com a formação das letras nacionais, foi precursor da defesa do “português brasileiro” como um dos traços da cor local, tão necessária à identidade dos escritores do país.

Além desse nacionalismo, influenciado por Chateaubriand e Walter Scott, o escritor detinha outros aspectos tipicamente românticos, como o gosto pelo passado, o sentimentalismo, a liberdade da imaginação e o culto à natureza, o que o levou a exaltar a coragem e a pureza de tipos como o índio e o sertanejo.

“(...) importava a Alencar cobrir com a sua obra narrativa passado e presente, cidade e campo, litoral e sertão, e compor uma espécie de suma romanesca do Brasil.” Alfredo Bosi

O autor que idealizou heróis míticos no coração da floresta (nos romances nativistas, como *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, e nos romances regionais, como *O gaúcho* e *O sertanejo*) também soube recortar as figuras gentis de donzelas e mancebos nos salões da Corte e nos passeios da Tijuca — com diferença no grau de complexidade psicológica dos personagens.

Em seus romances urbanos, criticou as relações burguesas e cortesãs, marcadas pela conveniência econômica, e deixou no imaginário dos leitores os costumes e as inconstâncias de seus personagens, que frequentavam os salões da corte do Rio de Janeiro no Segundo Reinado.



Monumento a Alencar, no Rio de Janeiro

IRACEMA



Iracema está
no catálogo de
publicações da
Edições Câmara

O autor compôs *Iracema* (1865) a partir de pesquisa nas crônicas coloniais, de estudos da língua e tradições indígenas e das memórias de sua terra natal (Ceará). Ao lado de *O Guarani* e *Ubirajara*, representa a contribuição do autor ao indianismo romântico — a exemplo do que Gonçalves Dias fez na poesia.

A obra destaca-se pela prosa poética, pelas imagens da natureza e pela protagonista emblemática que, ainda hoje, permanece no imaginário dos brasileiros, sobretudo dos cearenses.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.



O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.”

Iracema, a índia tabajara que vive um amor proibido com o português Martim, constitui um perfil claro e perene de admirável beleza e esplendor, quase mítica em suas andanças pelas regiões hoje impregnadas por seu encanto ficcional.

Os conflitos desse encontro, as guerras que o permeiam, os costumes indígenas, a amizade de Martim e Poti — tudo isso está descrito com um lirismo que transporta o leitor ao passado e o mergulha no enlevo dessa narrativa com status de lenda.



SENHORA



Francisca Calmon
Nogueira da Gama
(Condessa de Penamacor,
1840-1921), que teria sido
a inspiradora de
Senhora

Publicado em 1875, a princípio como folhetim, *Senhora* compõe a trilogia da série Perfis de Mulher de José de Alencar, ao lado de *Lucíola* e *Diva*.

A obra segue o modelo narrativo do cânone romântico, no qual a pureza do amor tem o poder de redimir todos os males. Todavia, o autor impõe à narrativa elementos inovadores que prenunciam o realismo, tais quais a riqueza na descrição psicológica dos personagens e as duras críticas à avareza, à vaidade e à falta de ética da aristocracia fluminense na segunda metade do século XIX.

Dividida em quatro partes (com títulos relacionados a uma transação mercantil — O Preço, Quitação, Posse e Resgate), *Senhora* retrata um casamento arranjado como meio de ascensão social, tema central do livro.

A protagonista, Aurélia Camargo, de personalidade paradoxal (beleza perfeita e frieza marmórea, eterna apaixonada e também firme, irônica, dominadora, irresistível), é considerada a figura feminina mais complexa de Alencar e uma das heroínas mais emblemáticas da literatura brasileira.



“Vendido, sim; não tem outro nome. Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem contos de réis, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento.”





◆—∞—◆ INFÂNCIA POBRE ◆—∞—◆

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu numa chácara do Morro do Livramento, RJ, onde trabalhavam seus pais — um pintor mulato e uma lavadeira açoriana — e onde provavelmente seus avós paternos foram escravos. Foi batizado pela dona da casa e lá aprendeu a ler.

Ainda na infância, apareceram os sintomas de sua frágil constituição nervosa: a epilepsia e a gagueira, causas de seu comportamento reservado e tímido.

Órfão de mãe muito cedo, mudou-se aos 14 anos com o pai para São Cristóvão, RJ. Quando o pai morreu, Machado foi criado pela madrasta, a quem ajudou como ambulante, vendendo doces.

GÊNIO AUTODIDATA

Sem meios para fazer cursos regulares, recebeu aulas de francês e de latim de um padre amigo, Silveira Sarmiento. Como autodidata, conquistou a vasta erudição que o consagrou na literatura e lhe permitiu superar a ideologia das escolas literárias de seu tempo.

Foram importantes para a construção de seu universo linguístico as reuniões no Gabinete Português de Leitura, no Rio, com importantes cultores dos livros e do idioma à época. Nesse local, Machado teve acesso a um rico acervo bibliográfico em português e em outros idiomas.

Dominava várias línguas. Traduziu textos oriundos do francês, do inglês, do alemão, do italiano e do espanhol. Foi responsável por uma das primeiras traduções do conto "O corvo", do escritor americano Edgar Allan Poe; e traduziu *Os trabalhadores do mar*, do francês Victor Hugo, entre outras obras.

Leitor de muitos autores fora de moda, sobretudo ingleses, Machado pode ser visto como um integrante da chamada "tradição luciânica", sucessão de escritores que cultivaram o estilo sério-cômico desde a Antiguidade.



Gabinete
Português de
Leitura, no Rio de Janeiro

BRUXO DO COSME VELHO

Machado foi apelidado pelos vizinhos de “Bruxo do Cosme Velho”, pois teria queimado cartas em um caldeirão em sua casa, que ficava na Rua Cosme Velho, na Zona Sul do Rio. Mas o codinome só ficou conhecido quando Drummond publicou o poema “A um bruxo, com amor”, no qual o poeta reverencia Machado.

**“Em certa casa da Rua Cosme Velho
(que se abre no vazio)
venho visitar-te; e me recebes
na sala trastejada com simplicidade
onde pensamentos idos e vividos
perdem o amarelo
de novo interrogando o céu e a noite.
Outros leram da vida um capítulo, tu
leste o livro inteiro.” (...)**

Carlos Drummond de Andrade

Caldeirão
pertencente
a Machado,
em exposição
permanente
na ABL



CRÔNICAS NA IMPRENSA (DA AGÊNCIA SENADO)

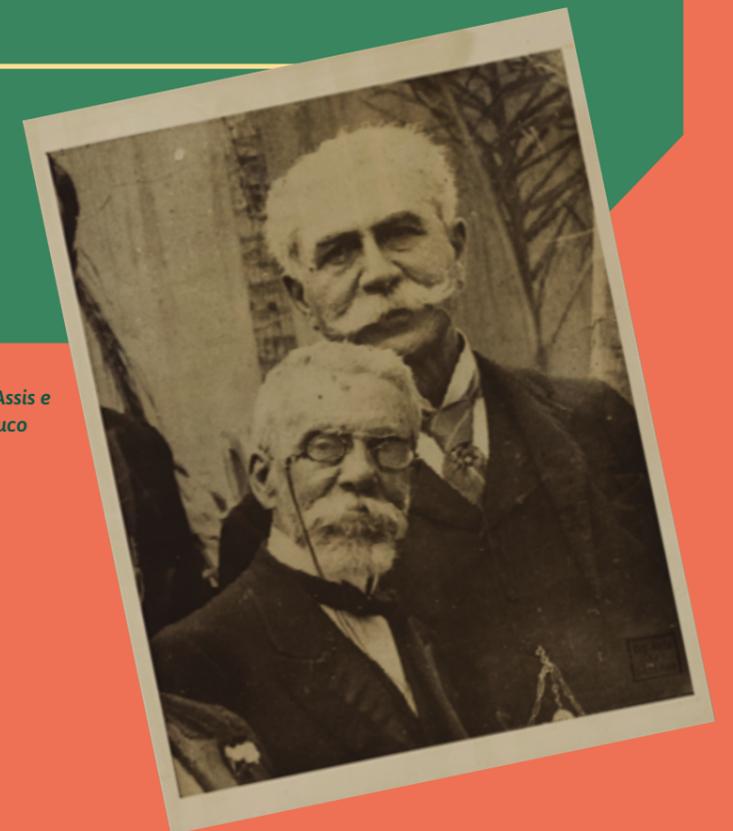
Machado iniciou suas atividades profissionais como jornalista, aos 20 anos, fazendo a cobertura das sessões do Senado do Império, em 1860. Ele resenhava os debates do Senado para o *Diário do Rio de Janeiro*.

Além de crônicas políticas, também publicava textos críticos de ideias, livros e espetáculos.

O tom pessoal e sarcástico com que escrevia suas crônicas permitia-lhe “o devaneio e as apreciações subjetivas”.

Embora liberal e abolicionista, além de anti-imperialista, Machado preferia a monarquia constitucional quando se tratava do Brasil. Achava que a nova classe dirigente, republicana, não poderia servir de exemplo para a população, porque era desprovida de tradição, cultura e moral. Nesse ponto, sua opinião coincidia com a do amigo Joaquim Nabuco.

Machado de Assis e
Joaquim Nabuco



O VELHO SENADO

Em 1865, ainda no *Diário do Rio de Janeiro*, era um cronista combativo e mordaz, e suas críticas não raro eram rebatidas na tribuna.

Empenhou-se para marcar sua imagem desgarrada de uma efetiva militância, mas seus críticos e estudiosos assinalam que “a partir de 1860, com intervalos, Machado de Assis se tomou de comichão política”, mesmo sem nunca haver se filiado a partido político.

Em 1989, por ocasião das comemorações dos 150 anos de nascimento de Machado, o Senado publicou o célebre texto evocativo “O Velho Senado”, juntamente com artigos produzidos por intelectuais, políticos e conhecedores da obra machadiana. Eles apontam aspectos das relações do escritor com a atividade política.

Machado escreveu em vários jornais e revistas, como *A Semana Ilustrada*, *Jornal das Famílias*, *Revista da Semana*, *Correio Mercantil* e *O Espelho*. Na redação do *Correio Mercantil*, conheceu Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Pedro Luís e Quintino Bocaiúva, entre outros escritores.

A carreira na Administração do Estado – primeiro como funcionário do Diário Oficial e depois na Secretaria da Agricultura – permitiu a Machado entregar-se mais livremente à vocação de ficcionista.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Machado foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, cargo que ocupou por mais de dez anos. A ABL também é conhecida como Casa de Machado de Assis.

Machado jogava xadrez e participou do primeiro campeonato brasileiro do esporte, ficando em terceiro lugar. As peças que utilizou estão expostas até hoje na Academia Brasileira de Letras.

DOMÍNIO DA LÍNGUA

Machado soube conciliar a construção clássica da língua portuguesa com a modalidade espontânea do idioma de seu tempo.

Linguistas estabeleceram que o léxico de Machado contava com mais de nove mil palavras diferentes. Para Evanildo Bechara, Machado de Assis é “um clássico da vernaculidade”.

Os escritores que, no Brasil, mais palavras usaram em suas obras foram, segundo pesquisas de especialistas, Euclides da Cunha e Machado de Assis.

Peças de um jogo de xadrez pertencente a Machado, em exposição permanente na ABL.



AMOR E COMPANHEIRISMO

Foi casado por 35 anos com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novais Machado de Assis, mulher muito culta e refinada que apresentou a Machado livros da literatura portuguesa e da literatura inglesa e o ajudou na revisão de seus originais. Não tiveram filhos.

Com a morte da mulher, em 1904, Machado entrou em depressão e escreveu para o amigo Joaquim Nabuco: “Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo”.

“A Carolina”, último poema escrito pelo autor, faz parte do livro Relíquias de Casa Velha (1906). É um verdadeiro réquiem, no qual Machado se despede de Carolina. O soneto foi destacado pelo escritor Manuel Bandeira como uma das peças mais comovedoras da literatura brasileira:



Carolina Machado,
esposa do escritor

A Carolina

*Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.*

*Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.*

*Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.*

*Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.*

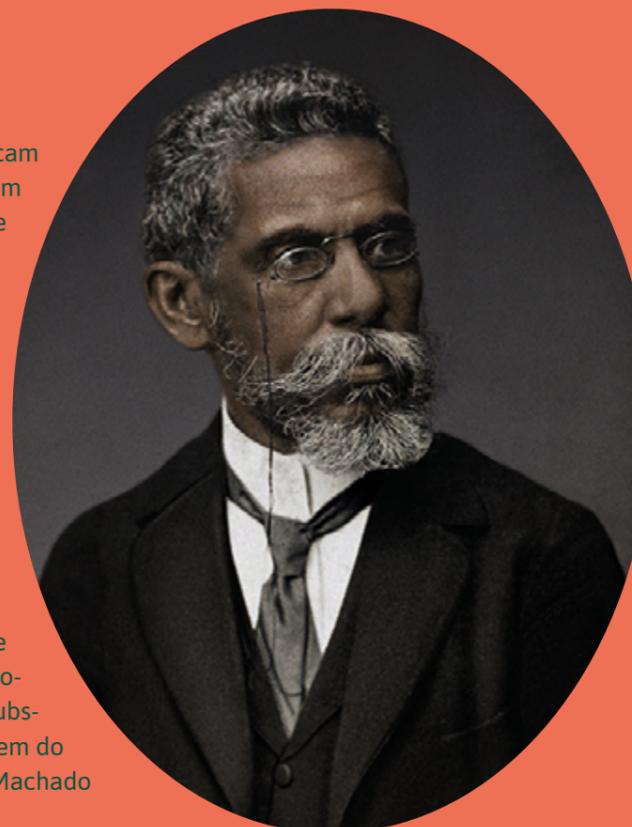
In Relíquias de Casa Velha (1906)

ESCRITOR NEGRO

Entidades do movimento negro reivindicam que Machado de Assis seja retratado com a tonalidade real de sua pele. Isso porque se popularizou nos livros a falsa imagem do autor como homem moreno, próximo a branco.

Uma ação da Faculdade Zumbi dos Palmares, em São Paulo, pretende promover essa “errata histórica para impedir que o racismo na literatura seja perpetuado”.

A campanha Machado de Assis Real (machadodeassisreal.com.br) oferece uma foto colorida do autor em alta resolução para *download*, a fim de que se substitua, em livros e retratos oficiais, a imagem do Machado embranquecido pela foto do Machado verdadeiro, negro, de origem africana.



SEMPRE À FRENTE DE SEU TEMPO

“O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.”

Alfredo Bosi

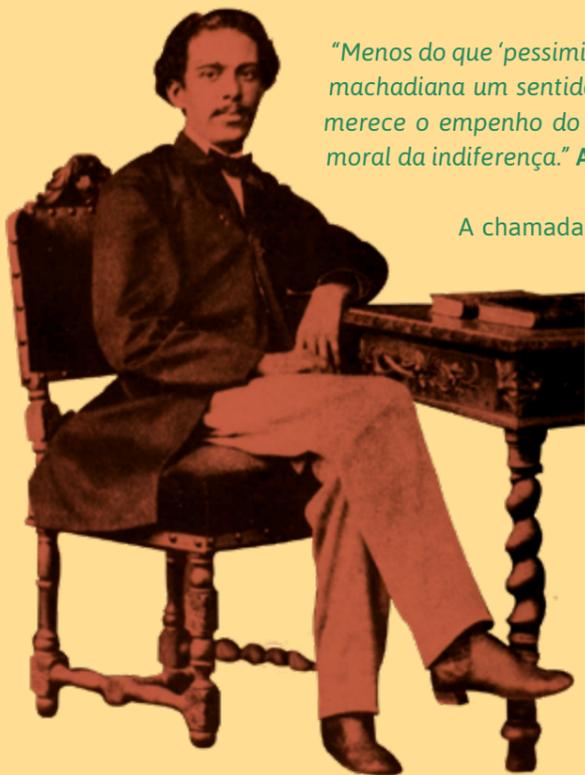
Os primeiros romances de Machado — *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Helena e Iaiá Garcia* — costumam ser identificados com o romantismo; mas já esboçam questões que o autor viria a desenvolver nas obras chamadas realistas, como o ciúme, a ascensão social e o papel subalterno que a sociedade patriarcal reservava às mulheres.

Já os livros da fase realista antecipam aspectos que viriam a desenvolver-se no modernismo. Nesse seu período de maturidade literária, iniciado com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o autor aprimorou a ironia refinada e as sutilezas de composição que o tornaram inconfundível, com suas fluidas digressões e a maneira contida, mas contundente, de tratar o caráter de seus personagens.

Assim, a classificação de Machado como escritor romântico e depois como realista tem função meramente didática, porque o situa no período histórico em que viveu e escreveu, mas não dá conta da amplitude das questões abordadas em seus livros.

“Menos do que ‘pessimismo’ sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merecendo o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença.” Alfredo Bosi

A chamada trilogia realista de Machado de Assis é composta pelos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).



DOM CASMURRO

“Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.”

Publicado em 1900, *Dom Casmurro* trata das memórias do narrador-personagem Bento Santiago, o advogado recluso e calado que recebe e adota o apelido mencionado no título da obra.

Essas recordações são a tentativa, na velhice, da recuperação de si mesmo a partir das lembranças da adolescência e juventude. Indireta e gradualmente, o relato revela a transformação do jovem Bentinho no velho e solitário Dom Casmurro, que tenta justificar suas atitudes durante a vida, num tom por vezes acusatório.

Com a sutileza que lhe é própria, Machado explora as incongruências do fluxo psicológico desse personagem, cujas reações e julgamentos deixam transparecer insegurança e ciúme. A escolha da narração em primeira pessoa permite o flagrante de percepções e sugestões enviesadas, ocasionando as ambiguidades que moldaram o mais famoso “narrador não confiável” da nossa literatura.

Em enquetes jornalísticas, Dom Casmurro costuma ser apontada como a obra mais representativa da literatura brasileira.

(...) “senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte.”
(Dom Casmurro)



MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

“Saltar de um retrato a um epitáfio, pode ser real e comum; o leitor, entretanto, não se refugia no livro, senão para escapar à vida.”

A obra concretiza o ideal estético que consagrou Machado de Assis e que marcaria sua obra. Nesse livro revolucionário, o autor recorre a um defunto-narrador, artifício que despe o relato de ilusões e pudores. Dessa forma, as memórias revelam com desencanto e sutileza o caráter repulsivo do protagonista, que sintetiza a crítica machadiana à elite brasileira da época.

O ocioso bacharel de família burguesa Brás Cubas narra seu caso de amor adúltero enquanto expõe sua visão da vida por meio de divagações cada vez mais alinhadas com o Humanitismo — filosofia de justificação e aceitação do egoísmo como essência do pragmatismo e das conveniências sociais. A doutrina, criada por seu amigo de infância, Quincas Borba, traspassa toda a estrutura do romance.

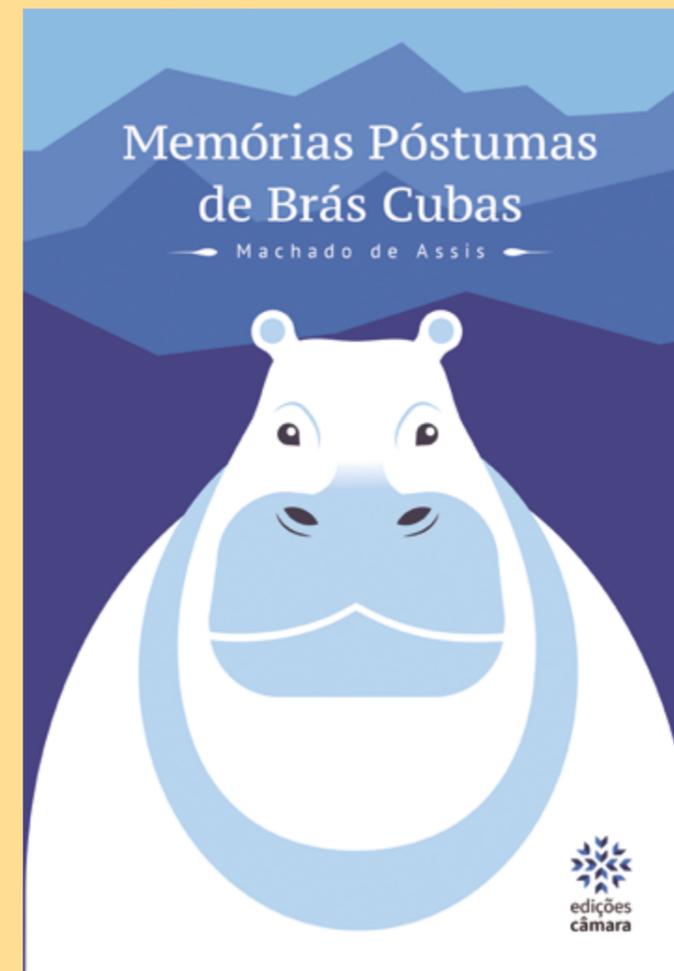
Mesmo com as diversas interrupções do enredo e o foco recorrente em assuntos triviais e cotidianos, a linguagem fluente e coesa conduz sedutoramente o leitor, deixando nas entrelinhas da narrativa farto material para reflexões mais profundas.

“Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.”

“Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faç-o eu, e a ciência mo agradecerá.

(...) vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

— Engana-se, replicou o animal, nós vamos à origem dos séculos.”



Dom Casmurro e Memórias póstumas de Brás Cubas fazem parte da série *Prazer de Ler*, da Edições Câmara

HÁBIL CONTISTA

“Missa do Galo”, “O espelho”, “A igreja do diabo”, “Teoria do medalhão”, “A carteira”, “A causa secreta”, “O alienista” e “A cartomante”, contos primorosos de Machado de Assis, estão entre os melhores do gênero na literatura brasileira.

FILHO ILUSTRE DE CANTAGALO (RJ)



Euclides aos dez anos de idade

Órfão muito pequeno, **Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha**, nascido em Cantagalo (RJ), em 1866, foi educado por tios, vivendo parte da infância na Bahia. Terminados os estudos preparatórios, no Rio, matriculou-se na Escola Politécnica, mas logo transferiu-se para a Escola Militar, que então passava por uma fase de ardente positivismo republicano.



Em 1888, acabou preso e expulso por rebeldia, após recusar-se a prestar continência ao ministro da Guerra, Tomás Coelho, que visitava a escola. Mais tarde, Euclides voltaria à carreira militar.

De 1890 a 1892, cursou a Escola Superior de Guerra, formando-se em Engenharia Militar e bacharelando-se em Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Sua obra-prima, *Os sertões*, foi escrita em S. José do Rio Pardo (SP) quando o engenheiro construía a ponte sobre o rio que dá nome à cidade. Serviam-lhe de roteiro as reportagens que escrevera no dia a dia da Guerra de Canudos, como correspondente especial do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Em 1905, o escritor enfrentou meses na selva amazônica, com uma dieta à base de peixe, mingau e banana verde, mas morreu antes de terminar sua obra definitiva sobre a Amazônia.

Filho mais ilustre do município de Cantagalo, o escritor tem busto na praça central, dá nome a colégio e rua. Ganhou também um museu. O distrito onde nasceu – Santa Rita do Rio Negro – chama-se hoje Euclidelândia.

Dois municípios brasileiros receberam o nome do autor de *Os sertões*: Euclides da Cunha, no Estado da Bahia, criado em 1933, e Euclides da Cunha Paulista, no Estado de São Paulo, emancipado em 1990.



Casa onde Euclides viveu na infância, em Cantagalo (RJ)

SEMPRE ATUAL

O autor passou por várias fases:

- primeiro, nota-se um Euclides doutrinário, devotado à República e crente no futuro;
- depois, desiludido, cético com o regime e os políticos;
- em seguida, estarecido com o que testemunhara em Canudos e profundamente reflexivo e revisionista;
- e por fim, ao mesmo tempo extasiado e preocupado com a Amazônia.

Em todas as fases, é lúcido e empenhado em formular rumos e destinos para o País, pioneiro e precursor no trato de questões atuais.

“Seus textos expressam sempre a realidade social, política e mesmo filosófica de seu tempo, uma espécie de realismo impregnado de historicidade que o distingue claramente de seus contemporâneos (...)” **Mauro Rosso**



Euclides
enquanto
militar

PRÉ-MODERNISMO

A publicação de *Os sertões*, em 1902, foi o marco inicial do pré-modernismo. Alceu Amoroso Lima foi o primeiro a usar a expressão, em 1939, para as obras publicadas naquele período, como os romances de Lima Barreto e Graça Aranha, os contos e crônicas regionalistas de Monteiro Lobato e os ensaios sociais de Euclides da Cunha.

As obras pré-modernistas problematizaram a realidade sociocultural no Brasil nas primeiras décadas do século XX (antes da Semana da Arte Moderna de 1922, que inaugurou o nosso modernismo).



A OBRA-PRIMA

Os sertões é dividido em três partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”. É considerado o primeiro livro-reportagem brasileiro e um dos primeiros tratados de sociologia do País.

De estilo pomposo e oratório, com palavras incomuns, o texto em prosa de *Os sertões* tem um ritmo bem característico, com a presença de versos decassílabos (com dez sílabas poéticas, como “Longos dias amargos dos vaqueiros”) abrindo ou encerrando alguns períodos. Daí a impressão de poema épico em certos trechos, já que o decassílabo é o metro das epopeias, o verso heroico, das emoções poderosas.

Há no livro intertextualidades, construções metafóricas e antitéticas, como “Troia de taipa” (para definir o arraial) e “Hércules-Quasímodo” (para definir o sertanejo).

Numa prova da riqueza vocabular euclidiana, Olímpio de Souza Andrade enumera 75 modos de Euclides mencionar o arraial de Canudos. Exemplos: “terra da promessa”, “cidade selvagem”, “Canaã sagrada”, “grei revoltada”, “sociedade morta”, “nossa Vendeia”, “cerne de uma nacionalidade”, “rocha viva de nossa raça” e “monstruoso anfiteatro”.

EPOPEIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Para Alexei Bueno, *Os sertões* é uma das três grandes epopeias da língua portuguesa, podendo ser comparada à *Ilíada*, de Homero — assim como *Os Lusíadas*, de Camões, pode ser comparada à *Eneida*, de Virgílio, e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, à *Odisseia*, de Homero.

“Aproxima-se a seca.

O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo. (...)

A seca não o apavora. (...)

A atmosfera absorve-lhe, com avidez de esponja, o suor na fronte (...). E ao descer das tardes, dia a dia menores e sem crepúsculos, considera, entristecido, (...) as primeiras aves emigrantes, transvoando a outros climas...

É o prelúdio da sua desgraça.” (Os sertões)

“Os sertões são obra de um escritor comprometido com a natureza, com o homem e com a sociedade. É preciso ler esse livro singular sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria prejuízo paralisante. Ao contrário, a abertura a mais de uma perspectiva é o modo próprio de enfrentá-lo.” **Alfredo Bosi**

“Livro posto entre a literatura e a sociologia naturalista, Os sertões assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).” **Antonio Candido**

Euclides denunciou a existência de dois Brasis: o do litoral civilizado e o do sertão ainda em plena fase colonial, dois mundos separados não pela natureza, mas por séculos de evolução histórica e social.

“Esta foi a grande mensagem de Euclides: que era preciso unir-se o sertão com o litoral para salvação – e não apenas conveniência – do Brasil.” **Gilberto Freyre**

SUCESO DE CRÍTICA E PÚBLICO

A tiragem inicial de *Os sertões*, de 2 mil exemplares, esgotou-se rapidamente.

Araripe Júnior teve papel central para a consagração de *Os sertões*. Em 1903, o crítico literário fez calorosa crítica à obra, dando ao seu autor o “primeiro lugar entre os prosadores da nova geração”.

Euclides tornou-se internacionalmente famoso com a publicação do livro, que lhe valeu vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL) e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

*Barracão de zinco onde Euclides da Cunha escreveu grande parte do livro *Os sertões*, enquanto acompanhava a reconstrução da ponte sobre o rio Pardo (ao fundo)*

O SERTÃO E O SERTANEJO



O sertanejo de Euclides da Cunha é descrito com maestria e emoção artística. Ele resulta da mestiçagem entre três etnias e tem características próprias, de corpo e de espírito.

De certa forma, aproxima-se do destemido vaqueiro Arnaldo, homem bom, simples e prestativo, com pleno domínio da natureza — personagem do romance *O sertanejo*, de José de Alencar.

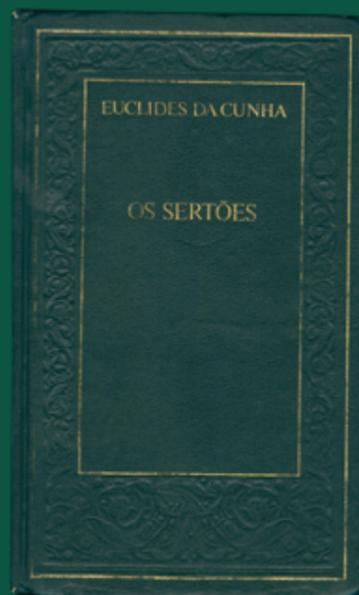
“O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.” (Os sertões)

“Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza.” (O sertanejo)

Para Willi Bolle, especialista em Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* pode ser entendido como uma reescrita crítica do precursor *Os sertões* — dentro de uma lógica poética em que as obras dialogam entre si. Tanto Euclides quanto Rosa se propuseram a tarefa de escrever um retrato do Brasil, cujo cerne é a representação do povo sertanejo.

Em *Os sertões*, o diagnóstico do líder místico católico Antônio Conselheiro é contraditório. “O autor hesita entre considerá-lo um grande homem e decretá-lo ‘doente grave’, afetado de paranoia.” **Walnice Nogueira Galvão**

Apaixonado pela saga do beato Antônio Conselheiro, Ariano Suassuna dedicou-lhe o seu *Romance d’a pedra do reino* e o *Príncipe do sangue do vai-e-volta*. Suassuna dizia que bastava estudar Canudos para entender toda a história do Brasil.



A GUERRA DE CANUDOS TEMA CENTRAL DE OS SERTÕES



Por volta de 1893, no arraial de Canudos, o beato Antônio Conselheiro e seus fiéis seguidores ergueram a “cidade santa” de Belo Monte, que se transformou num refúgio para os desprotegidos e perseguidos sertanejos que viviam na miséria, sendo explorados pelos latifundiários do sertão baiano.

Em 1896, ano do início da Guerra de Canudos, a comunidade formada contava com mais de 5 mil casas e aproximadamente 30 mil habitantes. Os rebanhos e as lavouras pertenciam a todos. Receosos da autonomia conseguida pelo povoado liderado por Conselheiro, o clero e os latifundiários da região pressionaram o governo para dar um fim na comunidade.

Além disso, difundiu-se a ideia equivocada de que os habitantes de Canudos estavam dispostos a lutar em favor da monarquia, pondo em risco a república. Os principais jornais de São Paulo, Rio e Bahia criaram uma coluna especial, quase sempre intitulada “Canudos”, dedicada exclusivamente ao assunto, por toda a duração da guerra.

Depois de sucessivas derrotas militares, o então presidente, Prudente de Moraes, ordenou ao ministro da Guerra que destruísse Canudos de vez. Após um intenso bombardeio de canhões, e execuções de homens, mulheres e crianças por degolamento, a comunidade foi totalmente destruída, em 5 de outubro de 1897, em ação considerada o maior massacre em território brasileiro, resultando na morte de mais de 25 mil pessoas.

Euclides deixou Canudos quatro dias antes do fim da guerra, não chegando a presenciar o desenlace.



Registros da Guerra de Canudos. À esquerda, jagunços prisioneiros. À direita, 7º Batalhão de Infantaria nas trincheiras

PARQUE DE CANUDOS

O Parque Estadual de Canudos é localizado no município de Canudos (BA) a 450 quilômetros de Salvador, e compreende uma área de 1.321 hectares. Criado em 1986, é administrado pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha, órgão da Universidade do Estado da Bahia. Palco da Guerra de Canudos, abriga sítios históricos, arqueológicos e antropológicos.



CONTRASTES E CONFRONTOS

A primeira edição de *Contrastes e confrontos* reuniu, em 1907, artigos de Euclides publicados inicialmente na imprensa sobre os primeiros momentos da República e seus personagens, abordando também a política internacional e a integração da Amazônia ao Brasil.

Alguns textos tratam de problemas nunca resolvidos no País, como as secas no extremo Norte, demonstrando a atualidade, no século XXI, desses ensaios.



À MARGEM DA HISTÓRIA

Em agosto de 1904, Euclides foi nomeado chefe da comissão brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus, com o objetivo de cooperar para a demarcação de limites entre o Brasil e o Peru. A experiência resultou em sua obra póstuma *À Margem da História*, na qual denunciou a exploração dos seringueiros na floresta.



Em destaque, Euclides na comissão brasileiro-peruana de reconhecimento do Alto Purus, experiência que resultou na obra *À margem da história*

“No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo. Ante a concepção rudimentar da vida santificam-se-lhes, nesse dia, todas as maldades. Acreditam numa sanção litúrgica aos máximos deslizés.”

(*À margem da história*)

MORTE TRÁGICA

No dia 15 de agosto de 1909, Euclides da Cunha falecia tragicamente, morto a tiros de revólver em um crime de natureza passional.

Aos 43 anos de idade, perdia a vida o escritor imortalizado pelo monumento que é *Os sertões*, cujas páginas apresentam a força da terra, a grandeza do homem e o heroísmo da luta em que sentimos pulsar, como em nenhum outro livro, a história do Brasil e o coração do povo brasileiro.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Página 8

- **“Proclamação da Independência”**, de François-René Moreaux. Acervo: Museu Imperial / Ibram / Ministério da Cidadania / nº 12 / 2019
- **Capa da Constituição de 1824**. Acervo: Arquivo Nacional do Brasil
- **“Marabuto Muçulmano”**, de Renè Claude Geoffroy. Acervo: Biblioteca Nacional
- **“Carga da Cavalaria”**, de Guilherme Litran. Acervo: Museu Júlio de Castilho
- **“O Cabano Paraense”**, de Alfredo Norfini. Acervo: Museu de Arte de Belém

Página 9

- **“Sagração e Coroação do Imperador D. Pedro II”**, de François-René Moreaux. Acervo: Museu Imperial / Ibram / Ministério da Cidadania / nº 12 / 2019
- **“Nègres a fond de cale”**, de Johann Moritz Rugendas. Acervo: Arquivo Nacional
- **Conde d’Eu e outros oficiais brasileiros que participaram da Guerra do Paraguai**. Acervo: Biblioteca Nacional

Página 10

- **“Types d’esclaves à Rio-de-Janeiro”**, de Comte Charles d’Ursel. Acervo: Arquivo Nacional
- **“Abolition de l’esclavage”**, de François Auguste Biard. Acervo: Palácio de Versalhes
- **Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888**. Acervo: Arquivo Nacional
- **Capa da Constituição de 1891**. Biblioteca Nacional do Senado Federal

Página 11

- **Fachada da Academia Brasileira de Letras**. Foto: Juliana Cristina
- **Charge sobre a Revolta da Vacina**, de Leônidas Freire. Acervo: Wikimedia Commons

Página 12

- **José de Alencar**. Acervo: Academia Brasileira de Letras

Página 13

- **Pai de Alencar**, de Sebastien Auguste Sisson. Acervo: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin
- **Rachel de Queiroz**. Acervo: Biblioteca Nacional
- **Casa onde nasceu Alencar**. Fonte: *A vida de José de Alencar*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 15

- **Archivo Contemporaneo**. Fonte: *A vida de José de Alencar*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 16

- **Caricatura de Alencar**. Fonte: *A vida de José de Alencar*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 17

- **Carta de alforria assinada por José de Alencar**. Acervo: Biblioteca Nacional

Página 18

- **Retrato de D. Pedro II**. Acervo: Biblioteca Nacional
- **Capa de Perfis Parlamentares**. Acervo: CEDI / Câmara
- **Escultura de Alencar**, de Rodolfo Bernardelli. Fonte: *A vida de José de Alencar*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 21

- **Francisca Calmon**. Fonte: *A vida de José de Alencar*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 22

- **Machado de Assis**. Acervo: Academia Brasileira de Letras

Página 23

- **Gabinete Português de Leitura**. Foto: Boris G.

Página 24

- **Caldeirão pertencente a Machado de Assis**. Acervo: Academia Brasileira de Letras
- **Casa de Machado de Assis no Cosme Velho**. Acervo: Biblioteca Nacional

Página 25

- **Machado e Nabuco**. Acervo: Biblioteca Nacional

Página 27

- **Jogo de xadrez pertencente a Machado de Assis**. Acervo: Academia Brasileira de Letras

Página 28

- **Carolina Xavier**. Acervo: Academia Brasileira de Letras

Página 30

- **Machado aos 25 anos**. Acervo: Biblioteca Nacional

Página 34

- **Euclides da Cunha**. Acervo: Academia Brasileira de Letras.

Página 35

- **Euclides quando criança**. Fonte: *Euclides da Cunha - Uma odisséia nos trópicos*. Acervo: CEDI / Câmara
- **Casa de Euclides**. Fonte: *A vida dramática de Euclides*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 36

- **Euclides enquanto militar**. Fonte: *Euclides da Cunha - Uma odisséia nos trópicos*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 38/39

- **Barracão de zinco onde Euclides escreveu parte de “Os sertões”**. Fonte: *A vida dramática de Euclides*. Acervo: CEDI / Câmara

Página 40

- **Capa do livro *Os sertões*.** Acervo: CEDI / Câmara

Página 41

- **Guerra de Canudos.** Fotos: Flávio de Barros. Acervo: Museu da República / Ibram / Ministério da Cidadania / 2019

Página 42

- **Parque de Canudos.** Foto: Rita Barreto - Bahiatursa
- **Imagens do livro *Contrastes e confrontos*.** Acervo: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Página 43

- **Euclides na Comissão do Alto Juruá.** Acervo: Academia Brasileira de Letras

Imagens cedidas por:

Academia Brasileira de Letras
Arquivo Nacional
Biblioteca Nacional
Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
Museu da República
Museu Imperial
Museu Júlio de Castilho

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

12 CURIOSIDADES de Euclides da Cunha. *Estadão*, São Paulo, 19 de jan. 2016. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/galerias/geral,12-curiosidades-de-euclides-da-cunha,23522>. Acesso em: 16 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Bibliografia Euclides da Cunha. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/bibliografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Bibliografia José de Alencar. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/bibliografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Bibliografia Machado de Assis. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/bibliografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia Euclides da Cunha. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/biografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia José de Alencar. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/biografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia Machado de Assis. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/biografia>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Textos escolhidos de Euclides da Cunha. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/euclides-da-cunha/textos-escolhidos>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Textos escolhidos de José de Alencar. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar/textos-escolhidos>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ALCANTARA, Lúcio. José de Alencar. IN: Academia Cearense de Letras; Regina Pamplona Fiúza (Org). José de Alencar e Euclides da Cunha. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010. p. 79-97. Disponível em: http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Diversos/Jose_Alencar_Euclides_Cunha/ACL_J_A_e_E_C_11_Jose_de_Alencar_Lucio_Alcantara.pdf. Acesso em: 4 de abril. 2019.

ALMANAQUE indica os melhores contos de Machado de Assis; leia trecho. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12 de set. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2009/09/448178-almanaque-indica-os-melhores-contos-de-machado-de-assis-leia-trecho.shtml>. Acesso em: 4 de abril. 2019.

BOLLE, W. Diadorim: a paixão como médium-de-reflexão. *REVISTA USP*, São Paulo, n.50, p. 80-99, junho/agosto 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35277/37997>. Acesso em: 16/04/2019

CAMPOS, L. Senhora, de José de Alencar. *Plano Crítico*, São Paulo, 18 de jan. 2016. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-senhora-de-jose-de-alencar/>. Acesso em: 17 de abril de 2019.

ENGENHEIRO físico alongado em social e humano. *Berrante Online*. Disponível em: <http://berrante.orgfree.com/textos/critica/perfil.htm>. Acesso em: 16/04/2019.

EUCLIDES da Cunha vai ser o homenageado da FLIP 2019. *G1*, São Paulo, 9 de nov. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/11/09/euclides-da-cunha-vai-ser-o-homenageado-da-flip-2019.ghtml>. Acesso em: 16/04/2019.

FURTADO, C. Revisitando Euclides da Cunha. 2001. Disponível em: http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start0d57.html?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&inoid=146&sid=69. Acesso em: 16/04/2019.

GALVÃO, W. Os Sertões faz cem anos: o alcance das ideias de Euclides da Cunha. 2001. Disponível em: http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start596f.html?UserActiveTemplate=euclidesdacunha&inoid=144&sid=69. Acesso em: 16/04/2019.

GUIDIN, M. Irresistível senhora. *Rascunho*, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://rascunho.com.br/irresistivel-senhora/>. Acesso em: 16/04/2019.

HOMENAGEADO MACHADO DE ASSIS. Flip. Disponível em: <http://flip.org.br/edicoes/flip-2008/homenageado>. Acesso em: 17 de abril. 2019.

JOSÉ de Alencar, um “escravocrata” abolicionista. *O Povo*, Fortaleza, 15 de set. 2013. Disponível em: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2013/09/14/noticiasjornalvidaearte.3128799/jose-de-alencar-um-escravocrata-abolicionista.shtml>. Acesso em: 16/04/2019.

MACHADO de Assis – Aforismos e excertos. *Revista Prosa Verso e Arte*. Jul. 2017. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/?s=machado+de+assis>. Acesso em: 4 de abril. 2019.

MACHADO de Assis antecipa prosa modernista com ‘autor defunto’. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 de jul. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1794549-machado-de-assis-antecipa-prosa-modernista-com-autor-defunto.shtml>. Acesso em: 16/04/2019.

MEIRELES, M. Nos 150 de Euclides da Cunha, veja dez curiosidades sobre Canudos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 de jan. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/01/1731519-nos-150-anos-de-euclides-da-cunha-veja-dez-curiosidades-sobre-canudos.shtml>. Acesso em: 4 de abril. 2019.

PAIVA, V. Faculdade cria ação para retratar Machado de Assis como ele era: um intelectual negro. *Hypeness*, Rio de Janeiro, abril. 2019. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2019/04/faculdade-cria-acao-para-retratar-machado-de-assis-como-ele-era-um-intelectual-negro/>. Acesso em: 08 de maio. 2019.

PAULINO, B. Leia o texto “Uma lembrança de Ariano Suassuana”, do escritor Bruno Paulino. *O Povo Online*, 25 de jan. 2019. Disponível em: <http://blogs.opovo.com.br/leiturasda-bel/2019/01/25/leia-o-texto-uma-lembranca-de-ariano-suassuana-do-escritor-bruno-paulino/>. Acesso em: 16/04/2019.

ROSSO, Mauro. Euclides da Cunha, político. *Revista online do Grupo Pesquisa em Cinema e Literatura*, São Paulo, v. 1, n° 6, p. 250-270, 2009. Disponível em: http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/BaleianaRede/Edicao06/2_Euclides.pdf. Acesso em: 17/04/2019.

SENADO FEDERAL. Machado de Assis: Trabalho na cobertura jornalística do Senado moldou o grande escritor. Abr. 2006. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2006/04/28/machado-de-assis-trabalho-na-cobertura-jornalistica-do-senado-moldou-o-grande-escritor>. Acesso em: 4 de abril. 2019.

VIGIANNI, G. 11 Curiosidades sobre Machado de Assis. *Revista Galileu*, São Paulo, 21 de jun. 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2017/06/11-curiosidades-sobre-machado-de-assis.html>. Acesso em: 4 de abril. 2019.

ALENCAR, José de. *Ao correr da pena*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ALENCAR, José de. *O Guarani*. Brasília: Edições Câmara, 2017.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

ALENCAR, José de. *Perfis Parlamentares 1*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1977.

ALENCAR, José de. *Senhora*. Brasília: Edições Câmara, 2019.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Brasília: Edições Câmara, 2017.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Brasília: Edições Câmara, 2018.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 34ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CUNHA, Euclides da. *Contrastes e confrontos*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Lugens Editora, 2009.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 19ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

DANTAS, Paulo. *Antologia euclidiana*. São Paulo: Editora Pioneira, 1967.



ALENCAR, MACHADO E EUCLIDES:

PATRIMÔNIOS DA CULTURA BRASILEIRA

Câmara dos Deputados	Coordenação do Projeto
Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Secretaria de Comunicação Social
Presidente	Centro Cultural Câmara dos Deputados
Rodrigo Maia (DEM/RJ)	Secretário de Comunicação Social
1° Vice-Presidente	Fábio Schiochet (PSL/SC)
Marcos Pereira (PRB/SP)	Diretor Executivo de Comunicação Social
2° Vice-Presidente	David Miranda
Luciano Bivar (PSL/PE)	Diretora do Centro Cultural
1a Secretária	Isabel Flecha de Lima
Soraya Santos (PR/RJ)	Núcleo de História, Arte e Cultura
2° Secretário	Coordenação
Mário Heringer (PDT/MG)	Clauder Diniz
3° Secretário	Curadoria
Fábio Faria (PSD/RN)	Maria Amélia Elói
4° Secretário	Pesquisa e Produção
André Fufuca (PP/MA)	Isabela Aragão
Suplentes	Revisão
Rafael Motta (PSB/RN)	Edmílson Caminha
Geovania de Sá (PSDB/SC)	Montagem e Manutenção da Exposição
Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL)	André Venterim Edson Caetano
Assis Carvalho (PT/PI)	Paulo Titula Wendel Fontenele
Procurador Parlamentar	Projeto Gráfico
Luis Tibé (AVANTE/MG)	Clara Iwanow
Corregedor Parlamentar	Ilustrações (Edições Câmara)
Paulo Bengtson (PTB/PA)	Giselle Sousa
Diretor-Geral	Inara Régia Cardoso
Sergio Sampaio Contreiras de Almeida	Diego Moscardini
Secretário-Geral da Mesa	Thiago Gualberto
Leonardo Augusto de Andrade Barbosa	Fabrizia Posada
	Núcleo de Museu
	Coordenação
	Marcelo Sá de Sousa
	Museóloga
	Luciana Scanapieco
	Conservação e Restauração
	Serviço de Preservação - COBEC/CEDI
	Material Gráfico
	Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA
	Agradecimentos
	Edmílson Caminha
	Luciana Scanapieco
	Wellington Brandão
	Ana Lígia Mendes
	Giselle Sousa

Contato da Curadora
Maria Amélia Elói
(61) 3215-8095
amelia.eloi@camara.leg.br

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF
www.camara.leg.br/centrocultural

Brasília, junho de 2019.



Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

